



ISSN 2359-5051

# Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação  
Interdisciplinar de Professores

## O CORPO, A IGREJA E O SAGRADO: O CORPO EM FOCO

## THE BODY, THE CHURCH AND THE SACRED: THE BODY IN FOCUS

Laura Marin Lugo Magdalena<sup>1</sup>  
Janete Rosa da Fonseca<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar a obra “História do Corpo: O Corpo, a Igreja e O Sagrado” de Jacques Gélis, que aborda o percurso do corpo de Cristo que foi penalizado e perseguido, assim como dos mártires. Tendo em foco perspectivas e apontamentos evidenciados no texto. A pesquisa vai analisar as inúmeras nuances que se referem ao corpo humano e divino, vigiado e punido, sagrado e copiado. As narrativas de fatos relevantes para a Igreja, que tem um olhar da importância do Corpo e do Sagrado para uma caminhada em busca dos caminhos de Cristo e de sua vivência como homem e Deus na Terra, onde querer percorrer esse mesmo caminho era digno de sacrifícios. A metodologia foi a bibliográfica, a partir da obra analisada e dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais. Dito isso, evidenciar os corpos e os sentimentos que envolvem esses relatos, que teve em seu corpo e em sua carne dores imensuráveis, torturas, maus tratos, dores contínuas dessas vivências.

**Palavras-chave:** Cristo. Igreja. Corpo. Punido. Vigiado.

### ABSTRACT

The present study aims to present the work “History of the Body: The Body, the Church and the Sacred” by Jacques Gélis, which addresses the journey of the body of Christ that was penalized and persecuted, as well as the martyrs. Focusing on perspectives and notes highlighted in the text. The research will analyze the countless nuances that refer to the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Culturais (PPGCult/CPAQ) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana - Licenciada em Pedagogia (UFMS/CPAQ), Pós-Graduação em Terapia da Constelação Familiar Sistêmica e Psicologia Positiva e Coaching (FAVENI). [lauramlmagdalena80@gmail.com](mailto:lauramlmagdalena80@gmail.com).

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia pela UNIVALE, Especialização em Orientação Educacional (UNIVALE), Especialização em Administração: Capacitação Empresarial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestrado em Estudos Culturais na Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Doutorado em Educação pela Universidade UDELMAR, Chile, convalidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN (Conceito CAPES 5). Pós Doutorado pela Fundação Universidade de Rio Grande (FURG). [janete.fonseca@ufms.br](mailto:janete.fonseca@ufms.br)



human and divine body, watched and punished, sacred and copied. The narratives of relevant facts for the Church, which have a view of the importance of the Body and the Sacred for a journey in search of the paths of Christ and his experience as man and God on Earth, where wanting to follow this same path was worthy of sacrifices. The methodology was bibliographic, based on the work analyzed and the theoretical assumptions of Cultural Studies. That said, highlighting the bodies and feelings that surround these reports, which had in their body and in their flesh immeasurable pain, torture, mistreatment, continuous pain from these experiences.

**Keywords:** Christ. Church. Body. Punished. Watched.

## 1. INTRODUÇÃO

Observando a complexidade e a abundância de conteúdo apresentado por Jacques Gélis na obra “História do corpo: O Corpo, A Igreja e O Sagrado, vê-se a possibilidade de interpretações e apontamentos nesse texto, onde há diferentes formas de análise da obra. Esta obra se divide em quatro partes: o Corpo do Salvador, Incorporar-se a Cristo, Relíquias e Corpos Miraculados e As Mutações da Imagem do Corpo. A primeira parte “o Corpo do Salvador” vem elencar as diferentes formas de observar este Corpo. A trajetória de um Corpo penalizado e perseguido sendo ele humano e divino, vigiado e punido, sagrado e copiado. Se tornando um exemplo.

Corpo! Sim, alma e espírito encarnados. É o corpo repleto de emoções, é o ser humano na sua plenitude. Este corpo repleto de significados é um corpo humano que aprende com facilidade a expressar-se no discurso, aprende com facilidade o raciocínio formal, aprende com facilidade a fazer contas, escrever sua história e a conhecer as ciências e as filosofias. É o corpo no mundo. É o corpo vivido. É a expressão mais evidente da complexidade organizacional. (Gaya, 2006, p.252).

Na segunda parte “Incorporar-se a Cristo” retrata o fiel desejando sentir as dores que o Cristo sentiu. Dessa forma se tornar um mártir, tendo sua carne marcada pelo flagelo e as chagas. Já na terceira “Relíquias e Corpos Miraculados” com a devoção aos restos mortais dos santos, os tornando uma relíquia sagrada para os fiéis, que via nesses corpos a presença divina. Por fim, a quarta “As Mutações da Imagem do Corpo” que vem para mudar o olhar sobre esse corpo, dando lugar aos cuidados e a busca pela saúde, rompendo com o sofrimento desses corpos.

A apresentação dessa história é referente ao Cristo, que se revela como: o Corpo, a Igreja e o Sagrado, trazendo para o leitor as diferentes nuances dessa trajetória. Sendo ele, Deus homem e Deus humano, que experimenta diferentes processos durante seu período como Jesus, sendo ele perseguido, torturado, vigiado e punido. Em outra vertente, salvador, imortalizado, sagrado, símbolo da igreja e cura para as doenças.



Dessa maneira, se pode dizer que este homem, desde o seu nascimento, é fonte de inspiração para devotos religiosos, que por diversas vezes desejam seguir seus passos de sofrimento e agonia ou opta pelas mensagens altruísta que deixou. Símbolo para os fiéis, onde muitos fizeram de seus corpos exemplos de devoção fanática, desejando flagelar, torturar e viver de forma miserável, com o intuito de encontrar a salvação.

Contudo, pode-se observar que existem diferenças nesses corpos, conforme era vivenciado os momentos pela humanidade. Nessa obra, fica evidente que o autor descreveu as fases dessa devoção ao Cristo, as narrativas dos corpos dos santos mártires e seus significados de milagres, os movimentos de poder da Igreja, que fazia seu fiel ser um seguidor, que tinha temor de não ser salvo. Como também, as relíquias que simbolizavam o místico e formavam santuários sagrados. Segundo Foucault:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (Foucault, 1999, p. 164)

Diante dessa premissa, analisa que a obediência era cega, que se flagelar era uma escolha dos fiéis ou santos que queriam se santificar e manter seus corpos libertos dos pecados que ofendessem a Igreja e que naquele período esse tipo de comportamento era normal. Da mesma maneira, visamos o quão foi difícil transformar essa mentalidade, que era possível ter um corpo saudável e continuar seguindo o Cristo.

Por fim, o presente trabalho averigua as características sentidas nesse corpo, sendo ele sagrado, humano, devoto, igreja, entre outros. Acontecimentos que envolvem a fé humana, nos procedimentos históricos e suas simbologias. A metodologia usada é bibliográfica, conversando com autores a partir dos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, tal qual: Gélis (2008), Foucault (1999), Louro (1999; 2000) dentre outros.

## **2. O CORPO, A IGREJA E O SAGRADO**

Na obra de Gélis “O Corpo, a Igreja e o Sagrado”, ele discorre com propriedade sobre o Corpo de Cristo e sua trajetória após a Ressurreição do Divino, como se dá esse roteiro. Nesse sentindo, quando pensamos em cristianismo, logo vem na memória passagens bíblicas relatadas, de dor, sofrimento, perseguição, lutas e morte na cruz. Onde o protagonista veio a este mundo com intuito de ensinar seus discípulos e seguidores a viver com consciência da presença divina em sua vida, assim como pregou em parábolas de amor ao próximo, a



necessidade de perdoar seu irmão e o significado místico de Deus homem e Deus Divino.

A fé a devoção ao corpo de Cristo contribuiu para elevar o corpo a uma alta dignidade, fazendo dele um sujeito da História. “Corpo de Cristo que comemos, que se revela a partir do real e da carne. Pão que converte e salva os corpos”. Corpo magnificado do Filho encarnado, do encontro do Verbo com a Carne. Corpo glorioso do Cristo da Ressurreição. Corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é em toda parte a cruz, lembra o sacrifício pela redenção da humanidade. Corpo em migalhas de grande legião dos santos. Corpo maravilhoso dos eleitos do Juízo Final. Presença obsessante do corpo, dos corpos. (Gélis, 2008. p.19-20).

Assim, temos aqui posto o Corpo de Cristo. Nos atentando que estamos nos reportando sobre o corpo de um sujeito, que teve em seu corpo marcas expressivas de um comunicado divino para o ser humano. Foi um corpo perseguido, condenado, torturado, assassinado. Como também, um corpo com grande representatividade e simbologia para a humanidade, “O lócus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos”. (Louro, 2014).

Nesta expressão referente ao corpo, fala-se também do corpo da mulher (como aquele que seduz por ter curvas e formas). Onde é possível averiguar que continua sendo visto como um corpo que remete ao desejo e a sexualidade. Performances estereotipadas desse corpo exposto, por ser feminino e por vezes vulneráveis.

Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se “problemático”, escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. A mãe e a prostituta, a garota boazinha e a má podem assumir outras designações, mas continuam acenando para uma divisão e um sistema classificatório que toma a sexualidade como referência”. (Louro, 2000. P.71)

O Corpo sendo sempre alvo, passível de ser consagrado ou punido. Dando também interpretações ao papel da mulher, nesse percurso ligado ao Cristo, como devia proceder perante a sua caminhada pela fé professada ao Salvador. Muitas vezes se sujeitando a punições em seu corpo para se sentir próxima e digna.

Este saber do corpo e controle de suas forças são denominadas por Foucault como economia, tecnologia política do corpo, investimento político do corpo e microfísica do poder. Ou melhor, na compreensão dos sistemas punitivos, sejam eles métodos primitivos violentos e sangrentos, ou “suaves” métodos de trancar e corrigir, é sempre do corpo que se trata”. (Da Silva, 2011, p.114).

Há uma dupla interpretação, esse corpo exaltado do Deus homem e o corpo menosprezado por não ser ‘apropriado’ querer destacá-lo, uma vez que esse corpo existe para em seu caminhar em busca a santidade, precisa sofrer e ser punido para equiparar as dores do



Cristo. “O corpo religioso é um vasto domínio de estudo”. A história das representações do corpo no universo religioso é um canteiro aberto e o essencial da tarefa está diante de nós.

## 2.1. O Corpo do Salvador

O pensamento cristão está imerso no ocidente, com uma variante no ato de professar a fé, porém a mensagem continua sendo o Corpo de Cristo como a figura central. Falando dessa religião como aquela que surgiu com o aval de Deus, onde seu primogênito veio como Deus encarnado trazer a mensagem celestial. Agora, Jesus, o Filho, está presente no mundo por seu percurso humano, para dar aos humanos a oportunidade de salvar-se. Uma variante de sujeitos revestidos de muitas identidades.

“Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto (...) (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais”. (Louro, 1999, p.6).

O corpo traçado é imortalizado. São aqueles momentos que foram eternizados por meio de obras (imagens, pinturas e esculturas). Dos momentos dignos de serem ressaltados na passagem do Cristo, quando “O Verbo se fez Carne”<sup>3</sup>, o “Fiat da Virgem”, sendo traçado o “Genitor Divino e sua Eleita terrestre”. “Na verdade, o que é glorificado não é o Rei dos reis, mas o Cordeiro de Deus em sua manjedoura de palha, cercado de pastores que o adoram. Uma maneira de significar o dogma da encarnação do Filho de Deus e seu reconhecimento pelos humanos”. Tendo também como relevância o “Sudário de Verônica”, que tem nele impresso a face sagrada. Outra prova substancial da passagem do Cristo é o “Santo Sudário” (que o envolveu no sepulcro).

O Corpo falado por meio de instrumentos dos momentos finais do Cristo. “Os instrumentos da paixão simbolizam o percurso doloroso do Redentor e cada um deles lembra, por sua materialidade, um momento de aviltamento de seu corpo”. Objetos que foram usados com o intuito de esfaquear e causar dor a um corpo humano, ferindo bruscamente e deixando evidente a violação exposta, a voracidade dessa crueldade, ou seja, um corpo penalizado por contrariar as crenças de uma época. Mesmo diante de tal dor, há o lado que esses instrumentos

<sup>3</sup> Bíblia Sagrada Ave-Maria, 141. ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959, (impressão 2001). 1632.p. **João 1:14**. Disponível em: < <https://www.fatima.org.br/biblia-online/?book=efesios&chapter=6>>. Acesso em 06 de junho de 2024.



de tortura mataram a carne, mas não a fé do Cristo, que ressuscitou. Sendo esses “troféus – a cruz, a lança, a coroa de espinho, os cravos”.

O corpo marcado pelas chagas e se tornado um modelo de busca pela santidade, onde receber essas chagas são símbolos de estar no caminho correto para o divino. Tendo também a missa das cinco chagas que oportuniza sairmos de um purgatório pleno de pecados. Posto numa determinada época como meramente relevante no caminhar da fé, inserindo na vida, as cinco dezenas da Ave Maria, jejuns de cinco dias, entre outros.

O corpo do homem divino: “Jesus flagelado”, “Homens das dores”, “Deus de piedade” ou “Cristo na coluna”, servindo de exemplo e colocados em cemitérios em Lille estátuas de Jesus Flagelado, que transmitiam a mensagem “salvar a alma do moribundo”.

O corpo vigiado e punido. Todo o sofrimento desse corpo colocado como algo a ser contemplado pelos fiéis, onde serviria para fazê-los temer, onde a punição é justa, pois quando fazemos algo ou alguma coisa que vai contra os ensinamentos ou foge ao sofrimento do Cristo, precisa ser corrigido. Destarte, no dizer de Foucault:

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais “elevado”. (Foucault, 1999. p.15).

Dito isso, a Igreja tinha como missão perseguir aqueles que falavam de maneira pecadora, blasfemavam contra o Sagrado, se expressavam uma ideia que confrontava seus valores. Prática aplicada com tanta severidade que os fiéis temiam e clamavam que “essa língua transpassada com o espinho”, era sagrada.

“As confissões de fé justamente antes da execução são consideradas como emanando diretamente do Santo Espírito. E é para impedir que o mártir se exprima que os ímpios endurecem o ritual fazendo proceder à mutilação a língua”. Punir os blasfemadores, “castigar a língua”, como meio de temor.

A igreja sempre representa o lado direito de Cristo sendo ferido, onde é de suma importância ressaltar que este é o lado com grande representatividade para a Igreja, pois numa analogia “no dia do juízo final”, sentaremos ao lado direito de Deus, mesmo sendo o coração ao lado esquerdo, é à direita que se encontra a salvação. Isso se deu devido ao culto à chaga, que pelo lado direito que entrou a lança e assim chegamos ao Sagrado Coração.



Os conhecimentos, as crenças, as representações, as culturas apenas são possíveis porque criamos e utilizamos sistemas simbólicos, ao mesmo tempo em que os símbolos apenas existem ou ganham sentido enquanto produções culturais. É através dos conhecimentos, das representações e dos sentidos obtidos e construídos em nossas relações sociais que nos tornamos capazes de interpretar, imaginar e criar o mundo, bem como, a nós mesmos. (Santana, 2015, p.4/5).

Sendo assim, a crença nesse Cristo que sofreu danos em sua carne, onde uma lança é fincada, rasgando lhe essa pele, tendo uma mística exploração que a partir desse momento se tornou digno de ser venerado como o “Coração ferido de amor”. Que nas feridas há profundidade, “o coração ferido de Jesus donde procede todo o bem”. Dessa forma, a mensagem vem falar que este coração amou a humanidade.

O Corpo que consagra a humanidade através das chagas, “A água e o Sangue que escorreram da chaga do lado fizeram dela a porta da graça, isto é, dos sacramentos do Batismo e da Eucaristia: a água, fonte batismal, e o sangue, alimento eucarístico” Fazendo desse batismo a possibilidade do ser humano deixar de ser pagão e esse sangue um largar da continuidade das bênçãos do Cristo na Terra, que foi derramado para salvar, esse sacrifício foi por amor.

O Corpo que cura todas as feridas, aquele que foi capaz de curar doente, ressuscitar os mortos, fazer um paraplégico andar, se tornando símbolo de cura para os feridos e oprimidos, rejeitados e aflitos. “Os Evangelhos e a tradição cristã veem em Cristo aquele que salve alimentos aflitos. Ele é o Salvador das almas e também tem um poder de curar os corpos. “Quem é médico?” Pergunta Santo Agostinho num de seus comentários. “Nosso Senhor - responde ele. É ele que cuidará de todas as nossas feridas”. Com isso, ter nele o bálsamo precioso para fazer o sofrimento escoar, seja no corpo ou na alma. A mensagem por trás desse Cristo é que ele veio curar a humanidade.

O “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo. (Foucault, 1999, p.29).

O Corpo representado como símbolo supremo para a Igreja, onde Jesus se faz presente na hóstia, para levar aos seus seguidores um alento da presença divina. Durante a missa é adorado e glorificado como símbolo de um Deus vivo, “o Verbo encarnado é o alimento da Alma”. Durante a missa esse corpo é partilhado entre os fiéis, propagando a presença de Jesus, fazendo com que esse pão da vida faça parte do alimento espiritual do fiel.

“O discurso sobre as crianças crucificadas pelos judeus atinge um grau suplementar no imaginário do horror. O dossiê é conhecido nos dias de hoje. Do século XII ao século XVIII, num clima de anti-semitismo exacerbado, dezenas de casas explodem na França, na Inglaterra,



na Alemanha, na Áustria, na Espanha e no norte da Itália, onde os judeus são falsamente acusados de ter martirizado e sacrificado um menino cristão”.

O corpo inocente, torturado e morto perante a anunciação da chegada do Salvador. Um massacre para eliminar o Messias, onde foram “Arrancados dos braços de suas mães, os meninos são violentamente lançados no chão, quebrados, traspassados por arma branca, sob o frio olhar de Herodes”. Mães que presenciaram esse episódio, impotente, cercada pelos soldados, vendo a morte de seu filho, crianças sacrificadas, tornando-se mártires para a Igreja.

## 2.2. Incorporar-se a Cristo

Ao pensarmos na vida de Cristo, representante de Deus homem, símbolo do divino, sabemos que muitos fiéis almejam sentir as mesmas dores que Jesus sentiu em seu corpo, chegando ao ponto de desejar o martírio, pois dessa forma honrar sua fé. “O místico vive de maneira permanente uma dupla relação com corpo. Pela comunhão, ele o assimila; por seu desejo de partilhar o sofrimento do Redentor, ele aspira fundir-se ou incorporar-se no corpo divino. Se o corpo é o principal obstáculo para chegar a Deus, ele pode também ser o meio de operar sua salvação”.

Desse modo, marcar esse corpo, deixá-lo em estado de miséria, para que sinta na própria carne os flagelos. Não se permitindo aos prazeres do mundo, torturando seu corpo para não cair em pecado. Ter o seu corpo castigado como forma de disciplinar. Assim como a ascese alimentar em prol de santificar seu corpo, fazendo abstinência “anorexia santa” ou quando se alimenta, a comida já está inapropriada.

Como forma de domínio dessa carne as abstinências eram parciais ou totais, fazendo se sentirem em comunhão com o Cristo, pois nobres eram os seus sacrifícios. “O corpo deve, portanto, ser constantemente vigiado e coagido”. Deve ser ferido, açoitando, dilacerado, se flagelado com crina de cavalo, por vezes sendo perigoso. Essa busca religiosa renunciava o mundo (assuntos mundanos), família e negócios.

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (Foucault, 1999, p.29).





O corpo como instrumento para chegar ao objetivo de se santificar. Sendo assim, como o corpo de Jesus passou por sofrimento, seguidores queriam ter em seu corpo esses estigmas, como se ele mesmo passasse pelas dores do Cristo, sentisse a dor em grau semelhante, contemplando as chagas e o martírio. Muitos santos tinham o corpo marcado por feridas expostas, que soava como sinal de redenção que o faria alcançar o céu, por se tratar de uma manifestação divina.

“O fascínio que os místicos exercem sobre seus contemporâneos incita os médicos a intervir no cadáver para encontrar enfim a explicação tão desejada de comportamentos tão incomuns. Paola di San Tommaso: Foi-lhe retirado do peito o coração. (...) entoava “Meu Jesus”, ela sentia seu coração liquefazer-se”. (...) Já se passou o tempo de abrir o corpo das místicas post mortem para nele encontrar, no fundo do coração, a figura da cruz ou os instrumentos da paixão”. (Gélis, 2008, p.72/74).

O martírio transbordava amor, essas impressões no corpo, eram resposta divina, desejo de Deus para ter pureza na alma, porém nem todos eram dignos de ter em corpos marcas desses estigmas, adquirir essas chagas. Para se alcançar tal mérito era necessários ter humildade e perseverança. Muitas religiosas tinham que “O corpo está então no paroxismo do amor e da dor e a vida da religiosa encontra-se doravante transtornada. (...). Seu corpo, marcado à semelhança do corpo de Cristo, faz dela doravante “uma cópia acabada dele mesmo quando foi pregado na cruz”. A suprema consumação”.

Desse modo, a doença também era sinal relevante para aqueles que buscavam a Deus, ela estava por toda a parte, causava dor, sofrimento, judiava e maltratava o corpo. Desse jeito somos testados em nossa fé, ela era uma penitencia necessária para se liberar dos pecados, pois assim, seu espírito seria fortalecido. Tudo que faz o corpo sentir, faz também elevar a alma. Para alguns santos, depois de uma vida espiada e punida, quando viesse a falecer, poderia doar esse corpo para pesquisa de um mártir.

Um exemplo de manifestação do divino foi referente “a pecadora arrependida”, que quando vivia em pecado, arrependida renunciou aos prazeres da carne e as riquezas. Ela era uma grande penitente, fervorosa em fé. Fez desse corpo modelo de obediência. A serviço desse Deus, ter o corpo martirizado era necessário. “Se o desejo de incorporar-se a Cristo manifesta a vontade das almas de elite de partilhar seus sofrimentos, no fiel comum exprime-se o desejo de preparar seu lugar no céu junto de Deus. A morte vem colher o crente e colocar um fim às suas provas nesta Terra”.

### 2.3. Relíquias e Corpos Miraculados



As preciosas relíquias da Igreja, antiga devoção aos restos mortais de santos (mártires) que tiveram uma vida voltada para as obras de Cristo, onde santuários eram construídos ao redor dos seus túmulos, para que os fiéis pudessem ficar pertos daqueles corpos sagrados e santos. Os santos deveriam ser venerados “seu corpo é o receptáculo sagrado, um corpo relíquia, objeto de devoção e de revitalização”. Relíquias e relicários essenciais para a crença posta.

Uma relíquia servia para iluminar os fiéis, fonte de vida. Eram corpos preservados, que “exalavam santidade”. E eram nesses locais (onde estava essa relíquia) que aconteciam “casamento, nascimento e morte”, onde dali era possível receber a benção desse corpo-cepa. “Esse corpo-referência, do qual se espera regularidade das estações e a perpetuação da família da espécie, é, portanto, essencial à vida de todos. Graças a ele, as pessoas se sentem desse lugar, se reconhece diferente dos outros. O corpo-cepa cristaliza a pertença à comunidade”. Que era uma simbologia religiosa.

A representação platônica do corpo vem fundamentar toda uma memória, um costume, um hábito e uma interpretação dualista, afirmando o corpo como parte desqualificada e inferior em relação à alma. A manutenção desse pensamento pode ser observada através de muitas formulações dicotômicas, presentes na linguagem, tais como: corpo-alma, corpo-mente, matéria-espírito etc. Essas imagens demonstram que o corpo está identificado com noções dualistas: razão e emoção, parte objetiva e parte subjetiva ou sujeito e objeto. Nessas perspectivas dicotômicas, o corpo é considerado uma estrutura material determinada por uma entidade ou substrato interno superior - a alma - que deve dominá-lo. (Santana, 2015, p.6,7).

Corpos santos, que estavam em santuários faziam questão que manter uma relíquia para contemplar o sagrado, então muitas vezes compravam, trocavam ou doavam. E estes deveriam estar com qualidade. O Bispo peregrinava nas igrejas, afim de constatar a legitimidade destes. Restos mortais que nutriam a fé dos fiéis que buscavam sustento espiritual.

É sabido que existem relíquias de maior valor, tais como: os que se referem a “paixão de Cristo (cruz, sudário, espinho), ou com milagres eucarísticos (sangue, suor); outras mais litigiosas (umbigo e prepúcio de Cristo)”. Mas, para o devoto, o importante é ter algo que ele possa contemplar e venerar.

Aquele que toca os ossos de um santo, dizia São Basílio, participa na Santidade e na Graça que nele reside. O desejo de estabelecer um contato íntimo com a relíquia exprimia-se também, desde Antiguidade, pelo enterro ad sanctos, ou ainda pela incubação no túmulo das pessoas santas de que a Idade Média oferece tantos exemplos. (Gélis, 2008, p.101).

Com o passar dos anos as relíquias foram colocadas a distância dos fiéis, para que o mesmo pudesse olhar, sem ter acesso ao seu manuseio, pois o relevante era estar perante ao



relicário. Assim como a hóstia também eram contempladas, juntos aos corpos dos santos. Na Contra Reforma a hóstia “passou a ser encerrada numa peça de ourivesaria, na qual foi instalada uma lúnula de vidro, a “custódia eucarística”. Nela está presente o corpo de Cristo”.

Essas relíquias veneradas faziam com que as igrejas lucrassem, aumentando a renda dos santuários, fazendo com que esse fiel pecador pagasse por suas indulgências, afim de ter seu pecado redimido. Na época ficou conhecido por “comércio dos restos”. Devido a essa situação, houve uma mudança, que os corpos santos deveriam estar e permanecerem em lugares seguros, decentes e claros, eliminando as formas de lucrar com essas relíquias e acabando com essa banalização.

Devido a inúmeras contestações de igrejas sobre a validação desses corpos santos, que muitas vezes provou estarem misturados a simples fiéis, os ganhos exagerados por essas peças, as revoluções dos protestantes, ortodoxos referentes a estes cultos e adorações, muitos destes deixam de ser visados e os católicos priorizam legitimar os corpos de santos contemporâneos.

Corpos esses, como no caso de Teresa d’Ávila que foi enterrada com solenidade, “Foi colocada num túmulo coberto de tantas pedras, cal e tijolos para impedir que fosse aberto que, nove meses depois, a tampa se rompeu. (...). Quando foi retirado o entulho, descobriu-se o corpo coberto de terra, mas tão são e intacto como se tivesse sido enterrado na véspera (...) por toda a casa Intenso e delicioso perfume que durou vários dias”.

Tendo nessa santa uma comprovação do sagrado, logo começaram as mutilações, cortaram pé, mão, dedo. Muitos foram os ataques ao corpo da santa e assim continuou. Anos depois enterram-na novamente e ele permanecia intacto “verdadeiramente algo milagroso”. Esse desmembramento do corpo santo não escandalizou, uma vez que era preciso ajudar aqueles que necessitavam de milagre. Para deixar essa relíquia mais atrativa, foi ornada de pedras preciosas, ouro e pérolas. Tornando a relíquia mais inacessível aos meros mortais.

Outra relíquia de suma importância eram as línguas dos santos. “No Mosteiro da Visitação de Avinhão, a qual foi confiada, era considerada como “a mais preciosa de suas relíquias depois da relíquia do coração”, por que ela “havia dito tantas coisas de admiráveis”. A cada ano também, na festa de Corpus Christi, a santa língua exposta, durante 8 dias, numa capela, a veneração dos fiéis, aos quais era dada a beijar pelo capelão”.

“Nos dossiês de investigações episcopais, os esclarecimentos trazidos pelas testemunhas - em particular pelos médicos cuja ciência ainda está no estágio balbuciante - fazem-nos perceber as penas e as esperanças das populações, mas sempre sob o prisma deformante do religioso que conserva a piedosa contabilidade do milagre”. (Gélis, 2008, p.117).

Muitos foram os milagres reconhecidos e obtidos por meios dessas relíquias, onde fieis desfrutaram de graças divinas, recebidas e atendidas. “Os relatos de milagres, onde são



recolhidas as palavras dos miraculados, testemunham essa osmose espiritual”. Deus opera através de milagres, porém quando necessário uma punição. “A alma só tem originariamente uma faculdade: a de experimentar sensações. Todas as outras saíram desta. O pensamento não é mais do que uma faculdade apurada de experimentar sensações”. (Gaya, 2006).

## 2.4 As Mutações da Imagem do Corpo

Com a ciência encontrando espaço em meio aos fatos narrados pela igreja, muita coisa se modificou ao que se referia aos flagelos do corpo, dando sentido a coisas não questionadas anteriormente, tais como: quais as funções dos órgãos? Como cuidar-se para triunfar a morte? Fazendo com que as pessoas começassem a ter novas abordagens em relação ao sagrado, pois agora o precioso era cuidar desses corpos.

Grupos religiosos, associações de beneficência muito tempo desempenharam esse papel de “disciplinamento” da população. Desde a Contra-Reforma até à filantropia da monarquia de julho, multiplicaram-se iniciativas desse tipo; tinham objetivos religiosos (a conversão e a moralização), econômicos (o socorro e a incitação ao trabalho), ou políticos (tratava-se de lutar contra o descontentamento ou a agitação). (Foucault, 1999, p.235).

A mudança era necessária. Para o protestante o corpo não deve banalizado ou torturado, mesmo diante as dificuldades, ele cuida, supera, protege, preserva. Sendo eles, os primeiros a recorrerem em médicos quando necessitavam. Esse corpo tem valor, não é desprezível. Diferente do católico que via no sofrimento um motivo de estar em comunhão com Deus.

Já os convulsionários faziam questão da ascese do corpo, o sacrifício os levaria a salvação. Os corpos eram danificados com “repetidos jejuns, castigados pelos cilícios, dilacerados pela disciplina, só excepcionalmente era revelado”. Houve mudanças, mas continuavam buscando no sofrimento a salvação, tendo uma crise na consciência religiosa. O tempo é outro, esse corpo humano agora é precioso, devemos protegê-lo, tentar prolongar seus dias ante a morte.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ressaltou a relevância de falarmos dos corpos e os sentimentos que envolvem nas narrativas relatadas, pois teve o corpo que sentiu em sua carne dores imensuráveis, torturas duradouras, maus tratos, dores contínuas dessas vivências. Onde vimos o quanto o ser humano tem seu corpo vigiado em todas as estações de sua vida, com a condição de ser obediente ou punido, caso algo seja escolhido ou feito sem permissão.



As explanações de santos sagrados que se obrigavam a sentir as mesmas dores em seu corpo, assim como sentiu seu salvador, que essas chagas, esses estigmas eram uma forma de purificação. Que mesmo diante de tantas torturas nesse corpo, nunca era o suficiente, ou seja, os flagelos ocorriam de forma incessante. As chagas eram um sinal divino de aprovação de Deus, que se tornado mártires encontrariam o céu.

O homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma “alma” o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. (Foucault, 1999, p.33)

O trabalho utilizou a obra de Jacques Gélis, muito bem escrita e rica em detalhes as transcrições de um período que a Igreja era símbolo de poder, assim como obtinha de poder sobre esses corpos, que eram constantemente vigiados e punidos. Sujeitos vulneráveis, que clamavam por clemência. De modo igual, Cristo representando o poder divino, pleno de significados para a humanidade.

As diferenças das expressões religiosas e de fé, as relíquias e relicários como símbolos de milagres, onde o místico e sobrenatural era exaltado. O uso dessas relíquias como sustentação espiritual para crescer as riquezas dos santuários. Objetos importantes para contemplar e venerar. Uso de objetos do Cristo para fortalecer e continuar tendo seguidores e devotos.

Em suma, ressaltar como se desenvolveu esses períodos, até chegar no momento em que esse corpo começa a ser analisado de forma diferente. Que esse corpo precisa, necessita ser cuidado. Deve ser saudável e tentar prolongar a duração desse corpo ante a morte. Que mesmo que ainda haja referências de sofrimento e exploração desse corpo e dessa carne, é possível fazer diferente e continuar professando essa fé em Cristo.

#### 4. REFERÊNCIAS

DA SILVA, Eufrida Pereira. **Corpo e violência em Michel Foucault: vigiar e punir**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito. Volume 3 – Número 2 – p. 112-118 – julho/dezembro 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/9088>>. Acesso em 25 de junho de 2024.

GÉLIS, Jacques. **O corpo, a igreja e o sagrado**. In. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo: da Renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008. (pp. 19-130).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP/UFMS/CPAQ



Petrópolis, 20ª Edição. Editora Vozes, 1999. 288p.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. (2000). **Corpo, Escola e Identidade**. Educação & Realidade, 25(2). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>>. Acesso em 25 de junho de 2024.

SANTANA, Leila Navarro de. (2015). **Identidade do corpo: uma questão de interpretação**. Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social, 4(7). Disponível em: <<https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4755>>. Acesso em 27 de junho de 2024.

SOCIOLOGIAS, C. E.; GAYA, A. **A Reinvenção dos Corpos: Por uma Pedagogia da Complexidade**. Sociologias, [S. l.], v. 8, n. 15, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/5571>>. Acesso em: 29 jun. 2024.